

SUELY ENTRE *RANKINGS* E BOMBAS DE GÁS

O mandato da professora Suely Vilela na Reitoria, iniciado em janeiro de 2006, acirrou os conflitos existentes entre a burocracia que controla a USP e aqueles que “tocam o piano” — os funcionários técnico-administrativos (incluída a crescente parcela de trabalhadores terceirizados) e os docentes. Num outro plano, também houve agravamento de tensões e perseguições na relação entre a Reitoria e os estudantes.

Entre os fatores que determinam este estado de coisas é possível identificar 1) a completa adesão da burocracia ao discurso do produtivismo emanado da Capes e das agências de fomento, 2) bem como ao ideário neoliberal de gestão do setor público (privatização, terceirizações, redução do Estado); e 3) a política do governo estadual para o ensino superior, que pode ser assim resumida: contenção orçamentária, que se traduz em expansão de vagas sem os recursos necessários ou por meio de ensino à distância (Univesp), e interferência na gestão das universidades públicas estaduais, inicialmente tentada na famosa série de decretos publicados nos primeiros dias de 2007 (e parcialmente derrotada) e depois tomando outras formas, tudo em favor do ensino superior privado.

Esta edição procura aprofundar a crítica a alguns aspectos da gestão Suely Vilela: a demasiada proximidade com o banco Santander; o autoritarismo e o frenesi persecutório; a teratológica reforma da carreira; e o temerário descumprimento da sentença judicial resultante da Ação do Gatilho, a qual, embora transitada em julgado, tem sido desafiadoramente empurrada com a barriga pela administração da universidade.

“Corrupção da ciência”

Tema infelizmente contumaz desta revista, o produtivismo é revisitado, em reportagem de Ana Maria Barbour, que ouviu professores de diferentes áreas. A situação criada por avaliações da Capes, fator de impacto, Qualis etc. é sintetizada pelo professor Pablo Ortellado, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, como “números em vez de ciência, corrupção da ciência”. O pano de fundo é o controle do trabalho docente.

Artigo do professor Paulo Capel Narvai, da Faculdade de Saúde Pública, analisa com perspicácia o fenômeno, chegando a conclusão semelhante: a de que a ciência vive simultaneamente um processo de “futebolização” (ditada pelo ímpeto de classificação do Qualis) e de colonização, na medida em que o “norte” dos programas de pós-graduação passa a ser o norte propriamente dito — geográfico.

Operação Condor e ditaduras do Cone Sul

Martín Almada, o ex-presos político paraguaio que descobriu os *Archivos del Terror*, escreveu com exclusividade para a *Revista Adusp* um relato de sua experiência pessoal com a Operação Condor, sinistro plano conjunto das ditaduras sul-americanas, deflagrado na década de 1970 com o objetivo de encarcerar e, frequentemente, executar opositores políticos, a princípio com sinal verde dos Estados Unidos.

Almada, que esteve em São Paulo para um seminário no Memorial da Resistência, adverte: “O Condor segue voando”. Ele também pede que o Brasil abra os arquivos da Guerra do Paraguai (1864-1869), por uma questão de justiça histórica.

Ainda sob o prisma da memória, reportagem de Fausto Salvadori revê um chocante episódio de maio de 2006 que o Estado brasileiro finge ignorar: o massacre de centenas de pessoas, realizado em questão de dias por grupos de policiais militares justiceiros, em São Paulo. Um crime que permanece absolutamente impune.